
NOTAS SOBRE O CONCEITO DE TERRITÓRIO NOS ESTUDOS AGRÁRIOS: UMA REVISÃO A PARTIR DO SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA (2003 -2019)

LIMA, Aline Barbosa de¹
SILVA, João Emerson Cunha²

Recebido (Received): 02/06/2021 Aceito (Accepted): 02/11/2021

Como citar este artigo: LIMA, A.B.; SILVA, J.E.C. Notas sobre o conceito de território nos estudos agrários: uma revisão a partir do Simpósio Internacional de Geografia Agrária (2003-2019). **Geoconexões (online)**, v.1, n.2, p. 29-46, 2021.

RESUMO: Na geografia agrária, o território constitui-se como um elemento chave para a investigação de problemáticas ligadas ao campo e estudar esse conceito é necessário para o entendimento das perspectivas teóricas presentes nos estudos geográficos. O objetivo principal dessa pesquisa foi analisar a aplicação do conceito de território nos estudos da geografia agrária brasileira a partir de uma revisão bibliográfica dos Anais do Simpósio Internacional de Geografia Agrária (2003 -2019). A escolha desse evento científico decorreu da relevância desse espaço no âmbito das publicações da área de Geografia Agrária. No conjunto da revisão realizada, ficou evidente a relevância de autores como Claude Raffestin, R. Haesbaert, Marcos A. Saquet, Milton Santos, Marcelo L. de Souza, Bernardo M. Fernandes e Ariovaldo Umbelino de Oliveira. Ademais, o conceito de território foi tratado sob diferentes perspectivas, sendo prevalente uma abordagem multidimensional.

PALAVRAS-CHAVE: Território; Geografia Agrária; Epistemologia.

NOTES ON THE CONCEPT OF TERRITORY IN AGRARIAN STUDIES: A REVIEW FROM THE INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON AGRARIAN GEOGRAPHY (2003 -2019)

ABSTRACT: In agrarian geography, the territory constitutes a key concept for the investigation of issues related to the field and understanding this concept is necessary for understanding the theoretical perspectives present in geographic studies. The main objective of this research was to analyze the application of the concept of territory in studies of Brazilian agrarian geography from a literature review of the Annals of the International Symposium on Agrarian Geography (2003-2019). The choice of this scientific event resulted from the category of that space in the scope of publications in the area of Agrarian Geography. As part of the review carried out, a promotion by authors such as Claude Raffestin, R. Haesbaert, Marcos A. Saquet, Milton Santos, Marcelo L. de Souza, Bernardo M. Fernandes and Ariovaldo Umbelino de Oliveira was evident. Furthermore, the concept of territory was treated from different perspectives, with a multidimensional approach being prevalent.

KEYWORDS: Territory; Agrarian Geography; Epistemology.

¹ Doutora em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP) e professora da UFPB. E-mail: alinelima.ufcg@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6795-6264>

² Aluno do curso de Licenciatura em geografia, Unidade Acadêmica de Geografia, UFCG, Campina Grande, PB. E-mail: joao.silva938@aluno.pb.gov.br

Introdução

A categoria território esteve presente na gênese da sistematização científica do conhecimento geográfico. Analisá-la, portanto, é compreender parte da história do pensamento geográfico. Para o subcampo do conhecimento da Geografia Agrária, o território constituiu-se como um conceito-chave na compreensão da realidade objetiva, utilizado em pesquisas com diferentes temáticas.

No presente artigo³, realizamos uma revisão bibliográfica nos Anais do Simpósio Internacional de Geografia Agrária (2003-2019). Nesse contexto, acessamos os SINGAS dos seguintes anos⁴: 2005, 2011, 2013, 2015, 2017 e 2019. Esses eventos publicaram um total de 4.127 trabalhos completos. A escolha desse evento científico decorreu da relevância desse espaço no âmbito das publicações da área de Geografia Agrária.

Para sistematizar a revisão bibliográfica, foram selecionados especificamente Grupos de Trabalho (GTs) cuja discussão desenvolvia o conceito de território de forma mais aprofundada. Nesse contexto, foram selecionados cinco GTs (exceto em 2019, que contou com quatro GTs). Assim, do total de 90 Gts realizados nas seis edições do Singa consideradas, 29 foram analisados pela presente pesquisa e englobaram um total de 1.593 trabalhos completos publicados nesses eixos de discussão, que serviram como base para o levantamento bibliográfico realizado.

Ademais, vale destacar que, dentro do universo de trabalhos completos considerados (1.593), 971 trabalhos mencionaram o conceito de território de modo recorrente. Todavia, somente 379 trabalhos, desse último conjunto, referenciaram teoricamente o conceito, além disso, desses 379, apenas 139 realizaram discussões mais pormenorizadas em torno do conceito. Desse modo, a amostra considerada na pesquisa focou na análise geral dos 379 artigos que trazem uma referência teórica ao conceito de território, além da leitura dos 139 artigos que discutiram mais pormenorizadamente o conceito.

Após essa etapa de seleção, realizamos a leitura dos artigos, nos quais destacamos os principais autores utilizados na definição de território, as principais temáticas dos artigos analisados e a presença de teorias vinculadas à discussão do conceito supracitado.

³ Este trabalho é parte de resultados de pesquisa de iniciação científica “Trajetórias epistemológicas da geografia: uma análise do conceito de território nos estudos agrários” PIBIC/CNPQ-UFCG, 2019.

⁴ Nesta pesquisa, não conseguimos acesso aos anais do Simpósio Nacional de Geografia Agrária de 1998 nem aos dos SINGAS 2003, 2007 e 2009.

A análise da bibliografia selecionada foi realizada concomitantemente ao estudo de autores de reconhecida contribuição na discussão sobre território, como Raffestin (1993) Oliveira (2012), Saquet (2010), Haesbaert (2004), Fernandes (2009), Souza (2001), Souza (2009a), entre outros.

O CONCEITO DE TERRITÓRIO E A GEOGRAFIA AGRÁRIA

A ciência geográfica foi ao longo do tempo interligada a três correntes filosóficas principais: o positivismo, o historicismo e o materialismo dialético (OLIVEIRA, 2007). Desse modo, as categorias elencadas para a investigação científica geográfica vincularam-se aos métodos ou metodologias específicas dessas diferentes orientações.

A predominância de certas categorias geográficas encontra-se indissociável das escolhas teóricas prevalentes de cada época, relacionadas a conjunturas históricas, políticas, econômicas e sociais específicas. Nos estudos agrários publicados na Revista Brasileira de Geografia e no Boletim Geográfico, por exemplo, as temáticas ligadas ao campo foram comumente estudadas através do conceito de região, sob significativa influência das perspectivas historicistas (SILVA e LIMA, 2019).

Cabe destacar que, a prevalência de determinada corrente não prescinde a existência das outras, bem como, as escolhas teóricas não são nem lineares, nem evolutivas e muitas vezes constituem-se como resultado de disputas políticas e econômicas.

Para o suíço Claude Raffestin (1993), é preciso diferenciar a noção de espaço e o próprio conceito de território. Raffestin (1993, p. 143) afirma que ocorreram no interior da Ciência Geográfica uma série de inconsistências teóricas no uso dos conceitos, acerca dessa concepção, assevera:

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator “territorializa” o espaço”. (RAFFESTIN, 1993, p.143)

Assim, para Raffestin (1993), o espaço é um ente anterior ao próprio território, ele existe independentemente de qualquer ação, funciona como uma “matéria-prima” nas próprias palavras do autor. Todavia, o território, para sua existência, necessita obrigatoriamente da realização de uma ação, da projeção no espaço de trabalho, podendo ser energia e informação que revelam relações marcadas pelo poder. Assim, Raffestin (1993, p.145) considera que o espaço funciona como uma prisão original e o território como uma prisão que os homens constroem para si.

De acordo com Haesbaert (2007), existem duas vertentes para o surgimento desse conceito, acerca de sua gênese destaca:

Desde a origem, o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de terra-territorium quanto de tэрreo-territor (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo - especialmente para aqueles que, com esta dominação, ficam aliados da terra, ou no "territorium" são impedidos de entrar. (HAESBAERT, 2007, p. 20)

Na perspectiva apontada por Sposito (2004), o conceito de território não pode ser analisado a-historicamente, ou seja, a categoria tempo é essencial para a sua compreensão. De acordo com ele, o território é:

...fonte de recursos e só assim pode ser compreendido quando focado em sua relação com a sociedade e suas relações de produção, o que pode ser identificado pela indústria, pela agricultura, pela mineração, pela circulação de mercadorias etc., ou seja, pelas diferentes maneiras que a sociedade se utiliza para se apropriar e transformar a natureza. (SPOSITO, 2004, p. 112-113)

Além dessa ótica do conceito de território, Sposito também aponta a importância desse conceito na atualidade, enfatizando principalmente a sua ligação com aspectos econômicos e políticos. Segundo ele:

O território, enfim, condição básica e referência histórica para a consolidação e expansão do sistema capitalista, permanece com sua importância como suporte e como materialização das relações sociais de produção, exprimindo com muita força ainda seu caráter político. (SPOSITO, 2004, p. 116)

Na geografia agrária, o território ganhou centralidade nas discussões levantadas pela vertente crítica. Nesse âmbito, as pesquisas desenvolvidas sob esse viés utilizaram o território para realizar diferentes análises. Sobre as abordagens do conceito de território nos estudos rurais, Spósito e Saquet (2016, p.109) analisaram que

- 1) Há significativa influência da Geografia Regional francesa, especialmente no que se refere à caracterização das áreas, com certa predominância, no Brasil, até o final dos anos 1980.
- 2) Introduzem-se, a partir do início da década de 1990, de maneira destacada, as relações de poder (configuradas em distintos níveis escalares) e as redes de circulação e comunicação (em diferentes extensões e com conteúdo predominantemente políticos e econômicos).
- 3) Também ocorre, juntamente com a evidência das redes e do poder, o predomínio das descrições, análises e interpretações históricas revelando-se, metodologicamente, a centralidade dada à relação espaço-tempo.
- 4) As descrições, análises e interpretações têm, comumente, recortes espaciais muito bem definidos, desde grandes áreas como a Amazônia e

- o Nordeste brasileiro, passando por Unidades Federativas, até assentamentos e acampamentos rurais.
- 5) Os autores brasileiros que selecionamos partem, sobretudo, de autores estrangeiros como Claude Raffestin, Henri Lefebvre, Robert Sack, Francesco Indovina, Andrea Calabi e Massimo Quaini, por exemplo, considerando, ao mesmo tempo, contribuições de pesquisadores brasileiros como Ariovaldo de Oliveira, Carlos W. P. Gonçalves e Milton Santos, e próprias de cada autor, produzidas em contextos históricos específicos.
 - 6) Compreende-se, normalmente, a problemática da apropriação e construção territorial, no campo brasileiro, dentro do movimento mais amplo de territorialização, desterritorialização e reterritorialização, explicitando-se conflitos e disputas entre camponeses e capitalistas, bem como mecanismos da subordinação e dominação econômica e política existentes nesse movimento.
 - 7) O território, portanto, apesar de algumas diferenças entre as concepções de cada autor, especialmente a partir dos anos 1980, é compreendido de maneira histórico-crítica e reticular, com importantes contribuições de cada pesquisador, a partir das suas históricas e sistemáticas pesquisas empíricas realizadas. (SPOSITO & SAQUET, 2016, p.109)

Na perspectiva apontada por Oliveira (2007), o território é central para a compreensão dos processos de desenvolvimento do modo capitalista de produção mundial, considerado a partir de seu desenvolvimento como contraditório e combinado, que produz ao mesmo tempo relações capitalistas mais avançadas e relações não capitalistas. O referido autor afirma que “Meus trabalhos refletem essa corrente que tem no estudo do território o tema central da investigação geográfica. Sigo autores como Lefebvre, Calabi, Endovina, Raffestin, Gottdiner, Coraggio, Quaini, Chesnais e Lacoste entre outros” (OLIVEIRA, 2007, p. 74)

Ainda de acordo com Oliveira (2007), as transformações no campo brasileiro podem ser entendidas a partir dos conceitos de monopolização do território pelo capitalismo e territorialização do capital ou também cognominada territorialização de monopólios. No processo de territorialização do capital, segundo Oliveira (2007), capitalista da indústria, capitalista da agricultura e proprietário da terra são uma só empresa ou são uma só pessoa, assim, nesse processo o capitalismo une o que contraditoriamente ele separou em sua origem: agricultura e indústria.

Um outro autor que desenvolveu estudos sobre esse conceito em sua produção científica foi Bernardo Mançano Fernandes, no estudo do desenvolvimento territorial rural e suas implicações na adoção de políticas públicas destinadas ao campesinato ou ao agronegócio. Fernandes (2013, p. 190), destaca inclusive que a definição desse conceito configura uma relação de poder que deve ser constantemente debatida. Fernandes (2009, p.

201) menciona que o território possui como princípios: soberania, totalidade, multidimensionalidade, pluriescalaridade, intencionalidade e conflitualidade.

Em sua discussão, Fernandes compreende que a negação do atributo da multidimensionalidade dos territórios é usada para que os territórios sejam utilizados como meios de controle social, a fim de que as comunidades rurais sejam submetidas aos modelos de desenvolvimento preconizados pelas transnacionais. No quadro dos estudos agrários, de acordo com Fernandes (2013, p. 191), a luta pela terra executada pelos camponeses constitui em uma luta por um tipo específico de território: o território campesino.

Portanto, através das diferentes concepções e conceituações apresentadas acerca desse conceito/categoria, podemos compreender que o território se configura como conceito-chave para a geografia agrária na ótica de distintos autores que o analisaram através de perspectivas. Ainda nesse contexto, daremos continuidade, na sequência, discutindo a presença desse conceito, especificamente no Simpósio Internacional de Geografia Agrária, enfatizando a sua importância teórica nos estudos agrários e o seu papel no desenvolvimento de pesquisas acerca do campo brasileiro.

O CONCEITO DE TERRITÓRIO NOS SIMPÓSIOS INTERNACIONAIS DE GEOGRAFIA AGRÁRIA

O Simpósio Internacional de Geografia Agrária (SINGA) teve origem na Universidade de São Paulo (USP) no ano de 2003, contudo sua criação foi precedida pelo Simpósio Nacional de Geografia Agrária realizado no ano de 1998 também na mesma instituição. Estes eventos, atualmente, constituem-se como relevantes locais de divulgação, reflexão e debate da produção acadêmica em geografia agrária e de estabelecimento de diálogos com movimentos socioterritoriais, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), movimentos indígenas e movimentos quilombolas, dentre outros. Acerca desses eventos, destaca Marques:

Em 1998, o Laboratório de Geografia Agrária da Universidade de São Paulo organizou o 1º Simpósio Nacional de Geografia Agrária como um evento para tratar sobre a questão agrária e as lutas no campo, inovando ao reunir representantes da academia e dos movimentos sociais num debate horizontal. Essa experiência se consolidou com a realização de um novo Simpósio na USP em 2003, com caráter Internacional, dando origem ao Simpósio Nacional e Internacional de Geografia Agrária (Singa), que hoje é reconhecido entre acadêmicos e ativistas na América Latina, para além da área da geografia (MARQUES, 2018, p. 507).

Nesse contexto, entre 2003 e 2019, foram realizados nove Simpósios Internacionais de Geografia Agrária e dez Simpósios Nacionais de Geografia Agrária (desde 2003 são realizados conjuntamente). Abaixo, segue um quadro que sintetiza os locais, anos e universidades que sediaram/organizaram os eventos até 2019.

Quadro 1 – Realização dos SINGAS (1998 - 2019)

Evento	Ano	Local	Instituição
S. N. de G. Agrária	1998	São Paulo -SP	USP
I SINGA	2003	São Paulo – SP	USP
II SINGA	2005	Presidente Prudente -SP	UNESP
III SINGA	2007	Londrina – PR	UEL
IV SINGA	2009	Niterói – RJ	UFF
V SINGA	2011	Belém -PA	UFPA
VI SINGA	2013	João Pessoa -PB	UFPB
VII SINGA	2015	Goiânia – GO	UFG
VIII SINGA	2017	Curitiba – PR	UFPR
IX SINGA	2019	Recife – PE	UFPE

Elaboração: XXXXX

Assim, depreendida a importância desses eventos para a geografia agrária, iniciaremos a elucidação dos resultados das investigações relacionadas ao conceito de território nas edições dos Singas 2005, 2011, 2013, 2015, 2017 e 2019⁵, a fim de obtermos um panorama da utilização e do papel desse conceito nas produções científicas desses eventos.

No âmbito dos autores utilizados para discussão do conceito, do conjunto geral de 379 artigos, identificamos a definição de mais de uma centena de autores do que constituiria território. No entanto, é importante destacar que a maioria desses teóricos tiveram representatividade menor no conjunto dos artigos analisados, visto que estão presentes majoritariamente entre um e três artigos. Em contraposição a essa conjuntura, observamos que alguns teóricos possuíam maior prevalência, em termos quantitativos, na utilização de suas definições de território na construção teórica dos artigos, como Claude Raffestin, R. Haesbaert, Marcos A. Saquet, Milton Santos, Marcelo L. de Souza, Bernardo M. Fernandes e Arioaldo Umbelino de Oliveira.

Nesta perspectiva, verificamos a prevalência de discussões teóricas embasadas em diversos autores, porém, quando analisamos os dados individuais por autor, conferimos que

⁵ É importante salientar que alguns autores referenciados em artigos do Singa 2019 não foram considerados nesse levantamento, visto que no período de conclusão da pesquisa os anais ainda não estavam totalmente publicados.

a principal influência teórica citada nos textos foi Claude Raffestin, o qual além de ter maior representatividade na revisão pesquisada, também influenciou a discussão do conceito de território em alguns autores brasileiros que debatem em seus trabalhos o conceito de território. Outros autores também se destacaram, como Robert Sack, Joel Bonnemaïson, Maria Laura Silveira, Jean Gottman e Friedrich Ratzel, apesar de quantitativamente serem menos recorrentes na revisão realizada.

A principal obra referenciada do autor Claude Raffestin foi o livro “Por uma Geografia do poder”. Na discussão apresentada por Raffestin, o território foi diferenciado do conceito de espaço e visto a partir de uma ligação intrínseca com o poder, entendido na definição proposta por Foucault (1976).

A definição de território apontada por Raffestin embasou discussões sobre assentamentos rurais, reordenamento territorial, territórios indígenas, conflitos territoriais, luta pela terra, movimentos sociais, entre outros temas. Vale salientar que a presença do autor como referência no conceito de território nos estudos agrários foi verificada em boa parte dos trabalhos consultados, sendo um referencial constante ao longo do período analisado.

Na sequência, outro autor bastante referenciado ao tratar-se do conceito de território foi Rogério Haesbaert, o qual figurou em diversos artigos analisados. A perspectiva integradora desenvolvida por esse autor foi bastante utilizada nos trabalhos do Singa, conforme destacamos no estudo de Barbosa e Cleps Júnior (2005):

O território é, portanto, fruto das interações políticas, econômicas e culturais. Neste ponto, vê-se em Haesbaert (2004) uma ligação com Raffestin (1993). Para esse autor, o território é compreendido considerando-se seus aspectos político ou jurídico-político, econômico e cultural ou simbólico-cultural. (BARBOSA; CLEPS JÚNIOR, 2005, p. 2)

Assim, foi possível compreender que Haesbaert considerou diversas dimensões para a conceituação de território na perspectiva integradora, nas palavras do autor: “o território pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômicas- políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural.” (HAESBAERT apud MANFIO; MEDEIROS, p. 3915).

No âmbito dos artigos dos Singas, a utilização do conceito de território proposto por Haesbaert foi utilizada tanto por artigos voltados para uma perspectiva mais culturalista do estudo dos povos tradicionais, como o fez Ferreira (2015) no estudo dos territórios livres das quebradeiras de coco, até artigos voltados para reestruturação produtiva e modernização dos territórios, ou seja, temas relacionados à dimensão econômica, como fizeram Manfio; Medeiros (2015) e Albuquerque e Silva (2015) no estudo da vitivinicultura e dos territórios-

rede da atividade leiteira, respectivamente. Essa situação revelou uma abrangência da utilização da proposta conceitual de Haesbaert nos estudos agrários.

Outra abordagem presente na revisão realizada foi a proposta apresentada por Marcos Aurélio Saquet, influenciado pela escola italiana de geografia, que concebe o território relacionado às manifestações de qualquer tipo de poder nas distintas relações sociais, sejam econômicas, sociais, políticas, culturais e até ambientais. Em sua obra “Abordagens e concepções de território” o autor analisa detalhadamente o conceito de território, bem como sua trajetória e as principais referências teóricas presentes na geografia, na sociologia e até na economia que discutem o conceito. Acerca das principais vertentes do conceito, afirma Saquet (2010):

[...] foi possível apreender três grandes matrizes ou escolas das abordagens territoriais que foram efetivadas a partir dos anos 1950-70: a) a primeira, a partir das argumentações de J. Gottmann, R. Sack e N. Entrikin; b) a segunda, com os estudos de G. Deleuze, F. Guattari, M. Foucault, H. Lefebvre e C. Raffestin e, c) a terceira, com as abordagens de G. Dematteis, A. Bagnasco, F. Indovina, A. Magnaghi, G. Becattini e M. Quaini. A segunda comumente denominada de *escola francesa*, é mais conhecida e difundida no Brasil, sendo que há uma interação bastante significativa entre autores e argumentações do segundo e do terceiro grupos. (SAQUET, 2010, p. 15)

Desse modo, Saquet apontou que, no contexto da produção científica geográfica brasileira, a escola francesa prevaleceu como referência na abordagem territorial, apesar de apontar ligações da terceira com a segunda escola. Na perspectiva do conceito proposto por ele, destacamos o seguinte trecho:

O território é produto das relações sociedade-natureza e condição para a reprodução social; campo de forças que envolvem obras e relações sociais (econômicas-políticas-culturais), historicamente determinadas. [...] O território é produto e condição da territorialização. Os territórios são produzidos espaço-temporalmente pelo exercício do poder por determinado grupo ou classe social, ou seja, pelas territorializações cotidianas. (SAQUET, 2010. P 127)

Portanto, a abordagem proposta por Saquet apresentou o território ligado à noção de poder, como fizeram outros autores, mais precisamente ao exercício do poder por uma coletividade considerando-se sempre a categoria tempo, ou seja, a historicidade também é um ponto do conceito destacado em sua discussão, bem como a ideia da escalaridade do conceito. Ademais, também cabe destacar que essa abordagem concebe o território como multidimensional, enfatizando-se a presença de algumas dimensões da realidade que podem ser destacadas no conceito, como a econômica, a política, a cultural, a ambiental e a social, com isso, não se restringe, por exemplo, o conceito a uma vinculação exclusiva à dimensão

política do território, bem como a qualquer uma das outras citadas. Essa concepção é reforçada no seguinte trecho:

O território se dá quando se manifesta e exerce-se qualquer tipo de poder. São as relações que dão o concreto ao abstrato, são as relações que consubstanciam o poder. Toda relação social, econômica, política e cultural é marcada pelo poder, porque são relações que os homens mantêm entre si nos diferentes conflitos diários". (SAQUET apud SÁ, 2017, p. 4)

Dessa forma, as análises em torno desse conceito efetuada por Saquet acabou por influenciar também discussões em produções analisadas nos Singas. No entanto, cabe ressaltar que a sua influência ocorreu principalmente a partir do Singa 2011 nos artigos vinculados à discussão de questões agrárias, ou seja, após a publicação da obra "Abordagens e concepções de território", obra do autor que realiza uma discussão acerca do conceito de território, de sua trajetória no pensamento geográfico internacional, com destaque para as escolas italiana, francesa e anglo-saxã, e no nível nacional.

Ademais, especificamente nas aplicações do conceito proposto por Saquet nos artigos dos Singas, Monteiro e Pêsoa (2011, p. 6) destacam uma breve revisão sobre sua conceituação além de aplicá-la no estudo das territorialidades em um assentamento rural no estado de Goiás. Os autores enfatizam que para Saquet, o território é também um produto histórico e uma condição de processos sociais, além de ser construído e apropriado socialmente por meio da territorialização.

Além disso, a partir da leitura dos artigos, outro autor que despontou com representatividade quanto à sua proposta conceitual de território utilizada nos artigos dos Singas foi Milton Santos. De acordo com esse autor:

O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. (SANTOS, M., 2019, p. 96)

No âmbito dos artigos analisados, o conceito de território proposto por Milton Santos foi utilizado em distintas pesquisas referentes às temáticas como reforma agrária, territorialização camponesa, território econômico e questões territoriais em assentamentos.

Na sequência, três autores fecham as principais abordagens encontradas na utilização do conceito de território: Marcelo Lopes de Souza, Ariovaldo Umbelino de Oliveira e Bernardo Mançano Fernandes. Esses teóricos, a partir de suas reflexões sobre território, influenciaram também diversos artigos em seus referenciais teóricos e conceituais nos Singas.

Acerca do conceito de território, Souza (2001), destaca que o território pode ser compreendido como espaços fundamentalmente delimitados e definidos por e a partir de relações de poder. Nesse contexto, é importante ressaltar que a definição de “poder” utilizada por Souza está embasado na discussão de poder feita pela filósofa Hannah Arendt, que concebe que a violência não é uma indicação do domínio do poder, mas na verdade indica que quando ela é utilizada é uma decorrência da perda do poder. Acerca da acepção de território para Souza, destacam Bordo et al (2005):

A abordagem de Marcelo Lopes de Souza (2001) sobre o território é política e cultural, visto que este autor identifica, nas grandes metrópoles, grupos sociais que estabelecem relações de poder formando territórios no conflito pelas diferenças culturais. (BORDO et al, 2005, p. 3)

Assim, evidencia-se que a discussão de Souza acerca de território, além de valorizar o aspecto político do território, proporciona destaque para seus aspectos culturais através das territorialidades cíclicas e flexíveis, como o estudo das territorialidades da prostituição. Assim, especificamente nos artigos analisados, o conceito de território proposto pelo autor supracitado aparece como base em artigos referentes à territorialização camponesa, dinâmicas territoriais e processos de territorialização dos movimentos dos atingidos por barragens, entre outros.

Ainda acerca do conceito proposto por Souza (2001), é essencial mencionar que apesar de considerar outras dimensões na constituição dos territórios, a dimensão política é a que prevalece como principal na sua proposta conceitual, fato que não renega as demais dimensões. Sobre esta perspectiva, aponta Souza (2009, p.59) ao afirmar que essa alegação constitui um equívoco, tendo em vista que a separação entre o que é “cultural”, “econômico” e “político”, da maneira como tem sido feita, é cartesiana, artificialmente preocupada em separar o que é distinguível, mas não é propriamente separável.

Além da proposta de Souza (2001), também destacamos a proposição de território do autor Bernardo Mançano Fernandes, que discutiu suas principais características em diversos textos, nos quais relata sua concepção acerca do conceito, seus atributos e importância para os estudos agrários. Acerca de território, destaca Fernandes:

O território é um espaço político por excelência. A criação do território está associada às relações de poder, de domínio e controle político. Os territórios não são apenas espaços físicos, são também espaços sociais, espaços culturais, onde se manifestam as relações e as ideias transformando em território até mesmo as palavras. As ideias são produtoras de territórios com suas diferentes e contraditórias interpretações das relações sociais. Os paradigmas são territórios. (FERNANDES, 2005, p. 27)

Desse modo, Fernandes ressalta o caráter político do conceito de território relacionando-o com as relações poder, de dominação e de controle político, assim como outros autores, mas também evidencia o seu caráter cultural e social através de uma leitura paradigmática do conceito de território. Ademais, ele conceitua território, como:

O território é o espaço apropriado por uma determinada relação social que o produz e o mantém a partir de uma forma de poder. Esse poder, como afirmado anteriormente, é concedido pela receptividade. O território é, ao mesmo tempo, uma convenção e uma confrontação. Exatamente porque o território possui limites, possui fronteiras, é um espaço de conflitualidades. (FERNANDES, 2005, p. 27)

Fernandes ressalta o território como um espaço de conflitualidades, com limites, fronteiras e apropriado por determinadas relações sociais. Além disso, vale salientar que a proposta conceitual de Fernandes tem como referência o conceito de território proposto por Raffestin (1993), que também associa o território com a noção de poder, dessa forma, a abordagem de território em Fernandes é ligada principalmente à geografia crítica.

No âmbito dos artigos analisados, diferentes pesquisas embasaram-se no conceito de território proposto por Fernandes para o desenvolvimento de suas discussões que, entre outras, pesquisaram questões relativas a conflitos socioambientais, territorialidades, movimentos socioterritoriais e contrarreforma agrária. A presença de sua discussão ocorreu nas seis edições do Singas analisadas, e a maior parte dos artigos que utilizaram o conceito proposto por ele foram publicados nos anais do Singa 2013.

Por fim, destacamos a influência de Ariovaldo Umbelino de Oliveira na utilização de sua conceituação de território nos artigos analisados e que também foi utilizado como referencial para tratar de dois processos atuantes no campo brasileiro, a territorialização do capital e a monopolização do território pelo capital.

Na análise dos artigos selecionados, observamos que a discussão do conceito de território proposta por Oliveira possui uma definição que revela o território como síntese contraditória, conforme explicitado no trecho a seguir:

(...) Para nós, o território deve ser apreendido como síntese contraditória, como totalidade concreta do processo / modo de produção / distribuição / circulação consumo e suas articulações e mediações supra estruturais (políticas, ideológicas, simbólicas etc.) onde o Estado desempenha a função fundamental de regulação. É, pois, produto concreto de luta de classe travada pela sociedade no processo de produção de sua existência. Sociedade capitalista (...) dessa forma, são, as relações sociais de produção e processo contínuo/contraditório de desenvolvimento das forças produtivas que dão a configuração histórica específica ao território (OLIVEIRA apud LIRA, 2005, p. 3)

Essa conceituação, apresenta o território como um produto concreto da luta de classes no modo capitalista de produção, além de apontar que a configuração específica do território é alcançada através das relações sociais de produção e do processo contraditório de desenvolvimento das relações sociais de produção, ou seja, é uma conceituação que ressalta a relação entre o conceito de território e a forma de organização da sociedade baseada no modo capitalista de produção. Nessa perspectiva, o conceito proposto apresenta influência da teoria marxista, no âmbito da luta de classes, por exemplo, que inclui o proletariado, a burguesia e o campesinato, que é considerado como uma classe social em oposição à ideia de que no modo capitalista de produção haveria somente duas classes sociais (burguesia e proletariado).

Ademais, Oliveira também aponta outra conceituação de território, especificamente de território indígena:

E o território indígena tem uma particularidade: o de ser coletivo e pertencer igualmente a todo o grupo. Não existe a propriedade privada entre os índios. Todos têm acesso à terra, e esse acesso é efetivado através do trabalho e de ocupação de fato de uma determinada porção do território tribal. Os grupos indígenas também têm diferentes formas de concepção de seu território (OLIVEIRA apud LIRA, 2005, p. 4)

Portanto, Oliveira analisa que o conceito de território aplicado aos povos indígenas possui uma configuração específica do conceito de território vinculado ao modo capitalista de produção. Nessa perspectiva, podemos ressaltar que território indígena é coletivo, tem forte carga simbólica e pode ser fixo, com fronteiras definidas, ou com fronteiras indefinidas.

No desenvolvimento da pesquisa, procuramos identificar quais as principais temáticas vinculadas às discussões do conceito de território, nos artigos de geografia agrária dos Singas analisados, a fim de obtermos um panorama das temáticas debatidas ligadas a este conceito. Nesse contexto, as principais temáticas presentes nos artigos que faziam revisões aprofundadas do conceito de território foram: assentamentos rurais, conflitos territoriais, movimentos sociais, questões relacionadas às comunidades indígenas, comunidades quilombolas, agroecologia e campesinato, entre outras. Abaixo segue um diagrama que ilustra algumas das principais temáticas presentes nos artigos analisados:

Diagrama 1 – Temáticas abordadas a partir do conceito de território no Singa



Fonte: Anais dos Singas (2005-2019)

Elaboração: João Emerson Cunha da Silva.

Destarte, grande parte dos artigos que tratavam de estudos relacionados a assentamentos rurais, conflitos territoriais, campesinato e os demais citados discutiram de forma mais detalhada o conceito de território em seus referenciais teóricos, a fim de embasar as pesquisas desenvolvidas. Contudo, vale destacar que essas temáticas não foram trabalhadas, em sua maioria, de modo isolado, mas através de perspectivas integradas entre as temáticas, por exemplo, a agroecologia aparece muitas vezes relacionada à discussão do campesinato, o mesmo acontece com outras temáticas.

Ademais, é interessante ressaltarmos a presença, além dessas temáticas, das teorias da territorialização do capital e da monopolização do território que estiveram presentes em alguns artigos da revisão. No levantamento realizado, constatamos que as teorias foram pesquisadas em todas as edições dos Singas analisadas. Ambas as teorias, segundo Oliveira (2016), elucidam processos recorrentes em distintos setores da atividade agrícola brasileira, que vão desde a cultura canavieira, os setores de papel, madeira e celulose, onde impera a territorialização de monopólios, até outros gêneros agrícolas importantes no campo brasileiro, como a soja, o milho e o café em que predominam, por exemplo, a monopolização do território pelo capital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do desenvolvimento da pesquisa, analisamos o uso do conceito de território em um conjunto de trabalhos publicados no Simpósio Internacional de Geografia Agrária e constatamos uma diversidade de autores utilizados para referenciar o território, sendo prevalente as conceituações apresentadas por Claude Raffestin (1993). Além disso, a maior prevalência de alguns autores em determinados períodos, coincidiu com o momento de publicações de livros sobre o território, como visto em Haesbaert (2004) e Saquet (2010).

A compreensão do território a partir das relações de poder ficou explicitada no referencial teórico que embasou muitas das pesquisas analisadas. Além disso, a abordagem multidimensional foi usada para compreender tanto aspectos materiais, como imateriais do território, cujas dimensões econômicas, políticas e culturais receberam diferentes ênfases.

Outrossim, observamos uma grande variedade de matrizes teóricas que influenciaram centenas de artigos analisados ao longo das edições dos Singas. A perspectiva crítica apresentou relevante representatividade nas pesquisas analisadas, num esforço em estabelecer uma relação entre as problemáticas existentes no campo brasileiro e a discussão territorial.

Nesse âmbito, as definições propostas por Oliveira (2007) sobre os processos de monopolização do território e territorialização do capital, estiverem presentes nas pesquisas que buscaram analisar as contradições do capitalismo no campo. Essa perspectiva teórica auxiliou na investigação de trabalhos sobre a grilagem de terras no Brasil, violência no campo, reforma agrária, o papel do agronegócio, a formação de oligopólios na agricultura a partir da mundialização, criação e recriação do campesinato, dentre outras temáticas. Ainda na perspectiva crítica, as conceituações de movimentos socioterritoriais propostas por Fernandes (2005), estiveram presentes em diversas pesquisas que estudaram os movimentos sociais e suas implicações territoriais.

Ademais, é importante destacarmos a influência de outros autores na discussão do conceito de território nos artigos analisados, os quais também tiveram papéis relevantes nas discussões efetuadas, como Rogério Haesbaert, que teve um número expressivo de artigos em que sua proposta teórica foi utilizada. Ademais, autores como Milton Santos, Marcos Saquet, Marcelo L. de Souza também tiveram contribuições importantes no que diz respeito ao debate sobre o conceito de território.

A variedade de matrizes teóricas que influenciaram centenas de artigos analisados ao longo das edições dos Singas indica a necessidade de compreensão das discussões conceituais sobre o território e sua relevância para os estudos agrários.

Finalmente, os resultados que obtivemos no transcorrer da pesquisa buscaram contribuir com o estudo do conceito de território nos estudos agrários e para o conhecimento da produção científica que vem sendo desenvolvida e discutida na geografia agrária a partir dos Singas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, B. M. C. de; SILVA, C. A. F. da. A evolução dos territórios em rede da atividade leiteira em Valença (RJ). In: VII Simpósio Internacional de Geografia Agrária - VIII Simpósio Nacional de Geografia Agrária - Goiânia, 30 de outubro a 03 de novembro de 2015.

BARBOSA, Cristiano; CLEPS JÚNIOR, J. COOPERATIVISMO E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL: UMA ANÁLISE DAS PONTUALIDADES E EXPERIÊNCIA DA COOPERATIVA DE CRÉDITO RURAL DE SÃO ROQUE DE MINAS SERRA DA CANASTRA. In: In: anais do III Simpósio Nacional de Geografia Agrária - II Simpósio Internacional de Geografia Agrária: Jornada Ariovaldo Umbelino de Oliveira - Presidente Prudente, 11 a 15 de novembro de 2005.

BORDO, A. A.; SILVA, Cleide Helena Prudêncio da; NUNES, Marcelo; BARBOSA, Túlio; MIRALHA, Wagner. As Diferentes Abordagens do Conceito de Território. In: VI Semana de geografia, 2005, Presidente Prudente. VI Semana de Geografia, 2005.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Questão Agrária: conflitualidade e desenvolvimento territorial. In: Luta pela Terra, Reforma Agrária e Gestão de Conflitos no Brasil. Antônio Márcio Buainain (Editor). Editora da Unicamp, 2005. Disponível em: <
http://laberur.ufs.br/sites/default/files/105/fernandes_questao_agraria_conflitualidade_e_desenvolvime_toterritorial.pdf >

FERNANDES, B.M. Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. Revista NERA, Presidente Prudente, ano 8, n.6, p.24-34 jan./jun. 2005.
<https://doi.org/10.47946/rnera.v0i6.1460>

FERNANDES, Bernardo Mançano. Construindo um estilo de pensamento na questão agrária: o debate paradigmático e o conhecimento geográfico. 2013.

FERNANDES, B. M. Sobre a tipologia dos territórios. In: SAQUET, M. A; SPOSITO, E. S. TERRITÓRIOS E TERRITORIALIDADES: TEORIAS, PROCESSOS E CONFLITOS. São Paulo: Expressão Popular, p. 197-215, 2009.

FERREIRA, L. C. G.; SOBRINHO, F. L. A. A reestruturação territorial da microrregião Ceres, Goiás, pela dinâmica do setor sucroenergético - a partir das colônias agrícolas nacionais. In: VII Simpósio

Internacional de Geografia Agrária - VIII Simpósio Nacional de Geografia Agrária - Goiânia, 30 de outubro a 03 de novembro de 2015.

HAESBAERT, R. TERRITÓRIO E MULTITERRITORIALIDADE: UM DEBATE. Geografia - Ano IX - No 17 - 2007, P. 19 -46.

HAESBAERT, R. da Costa. O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, 396 p.

LIRA, Elizeu Ribeiro. A GEOGRAFIA, O TERRITÓRIO CAPITALISTA E O TERRITÓRIO INDÍGENA. In: anais do III Simpósio Nacional de Geografia Agrária - II Simpósio Internacional de Geografia Agrária: Jornada Ariovaldo Umbelino de Oliveira - Presidente Prudente, 11 a 15 de novembro de 2005.

MANFIO, Vanessa; MEDEIROS, R. M. Vieira. A vitivinicultura e a articulação de um novo território na campanha gaúcha. In: VII Simpósio Internacional de Geografia Agrária - VIII Simpósio Nacional de Geografia Agrária - Goiânia, 30 de outubro a 03 de novembro de 2015.

MARQUES, M. I. M. Geografia agrária crítica: um pouco de história. Geosp - Espaço e Tempo (Online), v. 22, n. 3, p. 504-514, dez. 2018.
<https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2018.153292>

MONTEIRO, R. de Melo; PÊSSOA, V. L. Salazar. TERRITORIALIDADES ESTREMECIDAS: AS RELAÇÕES DE PODER NO ASSENTAMENTO OLGA BENÁRIO EM IPAMERI (GO). In: Anais do V Simpósio Internacional de Geografia Agrária - VI Simpósio Nacional de Geografia Agrária - Belém, 7 a 11 de novembro de 2011.

OLIVEIRA, A. U. de. A geografia agrária e as transformações recentes no campo brasileiro. In: CARLOS, A. F. (Org.). Novos caminhos para a geografia. São Paulo: Contexto, 2007. p. 112- 115.

OLIVEIRA, A. U. de. A mundialização da agricultura brasileira. São Paulo: Landé Editorial, 2016, 545p. Disponível em: <<http://agraria.fflch.usp.br/node/33>>. Acesso em: 26 de junho de 2020.

RAFFESTIN, Claude. Por uma Geografia do poder. São Paulo: Ática, 1993.

SÁ, A. Alves de. CRIAR, FAZER E VIVER: um olhar sociojurídico sobre o conflito entre o modelo territorial estatal e os territórios das comunidades de Fundo de Pasto da região do médio São Francisco (Bahia- Brasil). In: Anais do VIII Simpósio Internacional de Geografia Agrária - IX Simpósio Nacional de Geografia Agrária - Curitiba, 1 a 5 de novembro de 2017.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2019, 174 p.

SAQUET, M. A. Abordagens e concepções de território. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA: Jornada Ariovaldo Umbelino de Oliveira, 2, 2005, Presidente Prudente. Anais eletrônicos...Presidente Prudente: UNESP, 2005. Disponível em: < http://www2.fct.unesp.br/nera/publicacoes/singa2005/port_anais_eixos.htm >. Acesso em: 03 out. 2020.

SILVA, João Emerson Cunha; LIMA, Aline Barboza de. CONTRIBUIÇÕES DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA AOS ESTUDOS AGRÁRIOS: uma análise da revista brasileira de geografia e do

boletim geográfico. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 9., 2019, Recife. Anais [...]. Recife: UFPE, 2019. v. 1, p. 3788-3807.

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA: Questões agrárias na panamazônia no século XXI: usos e abusos do território, 5, 2011, Belém. Anais. Belém: ed. Açaí, 2011.

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA: Questão Agrária no Século XXI; escalas, dinâmicas e conflitos territoriais, 6. 2013. João Pessoa. Anais...João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2013.

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA: Jornada das águas e comunidades tradicionais, 7, 2015, Goiânia. Anais...Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2015.

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 9, 2017, Curitiba. Anais eletrônicos. Curitiba, UFPR, 2017. Disponível em: <https://singa2017.wordpress.com/>. Acesso em: 04 de out. 2020.

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA: para além das cercas que nos cegam: as naturezas das resistências no campo na América Latina, 10, 2019, Recife. Anais eletrônicos. Recife, UFPE, 2019. Disponível em: < <https://www.singa19.com.br/anais/trabalhos/trabalhosaprovados?simposio=19> >. Acesso em 04 out. 2019.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder. Autonomia e desenvolvimento. In CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Org..). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p.77- 116.

SOUZA, M. J. L. de. "Território" da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão popular: UNESP, 2009, p.57-72.

SOUZA, José Gilberto de. Os limites do território. AGRÁRIA, São Paulo, nos 10/11, pp. 99-130, 2009a.
<https://doi.org/10.11606/issn.1808-1150.v0i10-11p99-130>

SPÓSITO, Eliseu S. Geografia e Filosofia: Contribuições para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Edunesp, 2003.
<https://doi.org/10.7476/9788539302741>

SPOSITO, Eliseu Savério; SAQUET, Marcos Aurelio. O CONCEITO DE TERRITÓRIO NO BRASIL: entre o urbano e o rural. Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, v. 2, n. 38, p. 84-112, dez. 2016.